

Washington ficou isolado na questão venezuelana

EUA apoiaram setor golpista da oposição da Venezuela, cuja violência já causou a morte de 29 pessoas

By [Salim Lamrani](#)

Global Research, March 22, 2014

[Opera Mundi](#)

Desde o começo de fevereiro de 2014, os setores da extrema direita multiplicaram os atos criminosos na Venezuela com o objetivo de quebrar a ordem constitucional e derrubar o presidente democraticamente eleito Nicolás Maduro. A violência causou a morte de pelo menos 29 pessoas, entre elas vários membros das forças da ordem. Três líderes da oposição elaboraram o plano de ação em janeiro de 2014: Leopoldo López, presidente do partido de extrema direita Vontade Popular; María Corina Machado, deputada da Assembleia Nacional, e Antonio Ledezma, prefeito de Caracas. Os três convocaram publicamente um golpe de força contra o governo legítimo da República Bolivariana da Venezuela.¹

Efe



O secretário de Estado norte-americano, John Kerry, chegou a [ameaçar o governo da Venezuela com sanções](#)

Os Estados Unidos se opuseram desde o início a Hugo Chávez a à Revolução Bolivariana, apesar de seu caráter democrático e pacífico. Desde 1999, Washington dá seu apoio político, diplomático, financeiro e midiático à oposição venezuelana. Em 2002, George W. Bush tinha orquestrado um golpe de Estado contra o presidente Chávez com a cumplicidade da oligarquia venezuelana, de uma parte do Exército e dos meios de comunicação privados do país. Hoje, a administração Obama ampara abertamente as tentativas de desestabilização da democracia venezuelana apoiando as atividades da extrema direita.

O Departamento de Estado defendeu as manifestações violentas em nome da “liberdade de expressão”. Exigiu que as autoridades venezuelanas libertassem os responsáveis por esses atos, “detidos injustamente”, apesar de vários terem sido presos com armas nas mãos. [John Kerry, secretário de Estado, inclusive ameaçou a Venezuela com sanções.](#)²

Entretanto, Washington está isolado no continente americano. A imensa maioria dos países da região condenaram a violência orquestrada pela oposição e deram seu apoio ao governo legítimo de Maduro. No dia 7 de março de 2014, a [OEA \(Organização dos Estados Americanos\)](#), tradicionalmente conservadora e alinhada a Washington, que agrupa todas as nações do continente exceto Cuba, infringiu uma derrota à administração Obama. Uma resolução, que todos os países adotaram com exceção dos EUA, do Canadá e do Panamá, expressou a “solidariedade” e o [“apoio” da OEA às instituições democráticas](#), ao diálogo e a à paz na República Bolivariana da Venezuela”.

Em uma alusão à posição de Washington, a OEA falou do “respeito ao princípio de não

intervenção nos assuntos internos dos Estados” e expressou “seu compromisso com a defesa da institucionalidade democrática e do Estado de Direito”. Também condenou a atitude da oposição expressando sua “mais enérgica desaprovação a toda forma de violência e intolerância”. Finalmente, a OEA declarou “seu pleno apoio a alento às iniciativas e aos esforços do governo democraticamente eleito da Venezuela e de todos os setores políticos, econômicos e sociais para que continuem avançando no processo de diálogo nacional”.³

Efe



Usando coquetéis molotov e outros artefatos, opositores protagonizaram cenas de violência pelas ruas de cidades venezuelanas

[Por sua vez, a Unasul \(União de Nações Sul-Americanas\)](#), que agrupa os 12 países da região, condenou “os recentes atos de violência”. “Qualquer demanda deve ser canalizada de forma pacífica, pela via democrática, e respeitando o Estado de Direito e suas instituições”, enfatizou. Também expressou sua “solidariedade” ao “povo e ao governo democraticamente eleito dessa nação” e decidiu “apoiar os esforços do governo da República Bolivariana da Venezuela para propiciar um diálogo” com todos os setores da sociedade. Em uma clara alusão aos EUA, a Unasul expressou sua “preocupação frente a qualquer ameaça à independência e à soberania da República Bolivariana da Venezuela.”.⁴

Michelle Bachelet, presidenta do Chile, que recebeu em Santiago a reunião da Unasul, deu seu apoio total a Maduro e condenou as tentativas da oposição de quebrar a ordem constitucional. “Não aceitaremos jamais que ninguém, seja uma pessoa ou um país, incite por meio de mecanismos violentos a deposição de um presidente legitimamente eleito”, afirmou, em uma nova alusão aos EUA. Segundo ela, os conflitos devem ser resolvidos por meio de “uma via de diálogo e de paz”, condenando, assim, as manifestações violentas da oposição.⁵

Cristina Kirchner, presidenta da Argentina, declarou desaprovar as tentativas golpistas e ofereceu seu apoio à “democracia venezuelana”, lembrando que a legitimidade do atual governo vem de ter ganho 18 processos eleitorais dos 19 dos quais participou durante os últimos 15 anos. Pediu que a oposição não abandonasse a via democrática, enfatizando a possibilidade de organizar um referendo revogatório em 2016, de meio mandato, que permitiria convocar eleições presidenciais antecipadas em caso de triunfo. “A Venezuela é o único país do mundo que têm o referendo revogatório, ou, pelo menos, da região, onde há o direito revogatório do presidente”, ressaltou.

Da mesma maneira, não deixou de denunciar as tentativas de desestabilização orquestradas pelos EUA e advertiu contra “as intervenções externas e estrangeiras, motivo pelo qual seria lamentável permitir que ventos de fora derrubem um país irmão como a Venezuela”.⁶ Cristina também denunciou a “tentativa de golpe suave que estão tentando dar contra a República Bolivariana da Venezuela”.⁷

Assim como aconteceu durante a presidência de Hugo Chávez, entre 1999 e 2013, os EUA não renunciaram em acabar com a Revolução Bolivariana democrática, pacífica e social. O país se opõe ao presidente Maduro e apoia à oposição golpista. Por sua vez, os meios de comunicação ocidentais, principal apoio dessa tentativa de desestabilização, tomaram partido a favor dos partidos que querem a ruptura da ordem constitucional e que são contra

a democracia venezolana.

Salim Lamrani

*Doutor em Estudos Ibéricos e Latino-americanos, **Salim Lamrani** é professor-titular da Universidade de la Reunión e jornalista, especialista nas relações entre Cuba e EUA. Seu último livro se chama [Cuba. Les médias face au défi de l'impartialité](#), Paris, Editions Estrella, 2013, com prólogo de Eduardo Galeano.*

Contato: lamranisalim@yahoo.fr

Página no Facebook: <https://www.facebook.com/SalimLamraniOfficiel>

1 Salim Lamrani, “25 verdades sobre as manifestações na Venezuela”, Opera Mundi, 23 de fevereiro de 2014.

2 EFE, “EEUU no responde a oferta de diálogo de Maduro e insiste en pedir mediación”, 17 de março de 2014.

3 Organisation des Etats américains, “Consejo permanente aprobó declaración sobre la situación en Venezuela”, 7 de março de 2014. http://www.oas.org/es/centro_noticias/comunicado_prensa.asp?sCodigo=C-084/14 (sit e consultado no dia 18 de março de 2014).

4 Union des nations sud-américaines, « Resolución », 12 de março de 2014. <http://cancilleria.gob.ec/wp-content/uploads/2014/03/RESOLUCI%C3%93N-UNASUR-MARZO-2014.pdf> (sote consultado no dia 18 de março de 2014).

5 The Associated Press, “Bachelet reitera apoyo a Maduro”, 16 de março de 2014.

6 Agencia Venezolana de Noticias, “Presidenta Fernández : Defendemos la democracia de Venezuela”, 1 de março de 2014.

7 Telesur, “Fernández : Derrocamiento del Gobierno de Venezuela sería fatal para Latinoamérica”, 1 de março de 2014.

The original source of this article is [Opera Mundi](#)

Copyright © [Salim Lamrani](#), [Opera Mundi](#), 2014

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Salim Lamrani](#)

About the author:

Docteur ès Etudes Ibériques et Latino-américaines de l'Université Paris IV-Sorbonne, Salim Lamrani est Maître de conférences à l'Université de La Réunion, et

journaliste, spécialiste des relations entre Cuba et les Etats-Unis. Son nouvel ouvrage s'intitule Fidel Castro, héros des déshérités, Paris, Editions Estrella, 2016. Préface d'Ignacio Ramonet. Contact : lamranisalim@yahoo.fr ; Salim.Lamrani@univ-reunion.fr Page Facebook : <https://www.facebook.com/SalimLamraniOfficiel>

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca